

São Paulo, 10 de setembro de 2008.

Prezado Investidor,

Conforme explicamos em nossa carta de julho, para fazer frente a este ambiente de alta volatilidade dos mercados e baixa visibilidade, decidimos re-investigar nossos temas de investimento e reconstruir as carteiras com um horizonte de investimentos mais curto, buscando posições mais defensivas e assimétricas.

A partir de meados de julho e ao longo do mês de agosto, esta estratégia se mostrou bastante eficiente e pretendemos seguir o curso até que a visibilidade do cenário aumente. Quando isso acontecer, voltaremos a montar posições de maturação mais longa e que adicionem mais valor.

Nossa capacidade de análise e de execução de estratégias em outros mercados nos permitiu diversificar e proteger as carteiras dos fundos macro e extrair resultados especialmente em moedas e recebendo juros na Inglaterra.

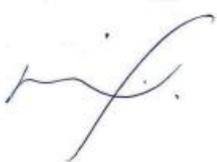
Os fundos da estratégia Long Short vem trabalhando com exposições brutas reduzidas, com o objetivo de proteger os investidores. Com este mesmo objetivo, os fundos retornaram para o tratamento tributário de FIM, tornando-os mais eficientes quando sua exposição fica menor. Procuramos ficar fora dos cíclicos globais e buscar alocações nos cíclicos locais.

Na estratégia Long Only, o Quest Ações FIA manteve posição em caixa expressiva e alocações mais defensivas, o que permitiu ao fundo obter perdas bastante inferiores as do Ibovespa.

Olhamos para o futuro com bastante confiança e satisfeitos com o posicionamento de nossos produtos em suas respectivas prateleiras:

- O Quest Ações FIA recebeu prêmio da Revista Exame como o fundo de ações de melhor rentabilidade no Brasil durante os últimos três anos;
- O Quest Iporanga 15 FIM é um dos fundos multimercado com melhor performance no ano, ao tempo em que utiliza baixo baixo orçamento de risco;
- Os fundos da estratégia Long Short vem, após excepcional performance em 2007, cumprindo sua missão de proteger o investidor em ambientes de alta volatilidade.

Atenciosamente,



Walter Maciel Neto  
Quest Investimentos Ltda.

## Relatório Mensal – Agosto de 2008

### 1. Cenário Macroeconômico

Nosso cenário de desaceleração de crescimento global foi reforçado pelos dados de atividade divulgados ao longo do último mês. Na Europa e nos EUA os sinais de desaceleração decorrentes da deterioração nas condições de crédito e da alta da inflação continuam em evidência, ainda que nos EUA estes choques tenham sido amortecidos pela combinação do afrouxamento monetário por parte do Fed, do estímulo fiscal e da significativa contribuição positiva das exportações líquidas (que adicionaram nada menos que 3.1 p.p. ao crescimento de 3,3% no segundo trimestre). Na Europa, por outro lado, onde estes amortecedores não estão presentes e a fraqueza da atividade fica mais evidente, houve queda de 0.2% do PIB no segundo trimestre e o crescimento no restante do ano deve permanecer praticamente nulo. Na Ásia e na maioria dos emergentes as evidências de desaceleração, decorrentes principalmente do choque negativo de demanda externa e da escalada nos preços de energia, ficaram também mais evidentes, principalmente nos dados de produção industrial.

O cenário de crescimento global abaixo da média de longo prazo (em torno de 3%) até o fim de 2008 está consolidado, o que é muito positivo para reduzir as pressões inflacionárias, reduzindo o dilema dos bancos centrais e dando mais margem de manobra para que o aperto monetário possa ser reduzido. De fato, caso as commodities permaneçam nos níveis atuais, a inflação mundial terá atingido seu pico na maior parte dos países ainda no terceiro trimestre (na Europa, nos EUA e em vários países da Ásia o pico já ocorreu). A questão fundamental permanece, portanto, qual será a combinação entre crescimento e inflação nos próximos trimestres. Mantemos nossos três cenários descritos na última carta mensal, a saber:

Nosso cenário base, para o qual atribuímos uma probabilidade de 65%, contempla crescimento global menor, mas ainda fundamentalmente saudável (acima de 3% ao longo de 2009), com inflação sob controle. Tal cenário depende da sustentação de crescimento no mundo emergente (particularmente na China) em um patamar suficientemente alto até que o mundo desenvolvido possa voltar a crescer com mais consistência ao longo de 2009. A queda dos preços de commodities reforça este cenário, na medida em que reduz o risco de inflação e representa um choque favorável nos termos de troca dos EUA, Europa e grande parte da Ásia, que é o motor do crescimento global.

O segundo cenário, cuja probabilidade reduzimos de 20% para 15%, é o de retomada forte do crescimento mundial nos próximos meses em um contexto de inflação elevada. Este cenário é parecido com o vivido no primeiro semestre do ano e dependeria de uma aceleração súbita do crescimento da China e dos EUA, o que não nos parece simples de ocorrer no curto prazo em função dos fatores descritos acima.

O terceiro cenário, cuja probabilidade aumentamos de 15% para 20%, é o de recessão global (crescimento mundial menor que 3% ao ano até fins de 2009). Neste cenário haveria desaceleração adicional do crescimento, particularmente na China, para um patamar provavelmente inferior a 8%. A desaceleração abrupta da Europa e partes da Ásia nos últimos meses certamente trouxe alguns dos elementos necessários para este cenário. Por outro lado, acreditamos que a queda recente dos preços de commodities, as condições monetárias ainda relativamente frouxas a nível global e o forte empuxo do ciclo de investimentos no mundo emergente tornam este cenário pouco provável.

Como havíamos ressaltado, à medida que os dados econômicos afastam-se do Cenário 2 em direção ao nosso Cenário Base, por definição aumentam as chances de materialização do Cenário 3. Porém, vale ressaltar novamente que, apesar de nosso pessimismo com o crescimento global no curto prazo, essa desaceleração é fundamental para que uma visão construtiva para um horizonte um pouco mais longo possa se consolidar. A redução das pressões de inflação a nível global aumenta a chance de que o crescimento volte a acelerar daqui a alguns meses. Mas até lá, os riscos permanecerão elevados, como tem ficado claro pela dinâmica dos mercados.

Há ainda outro ponto importante: além do alto risco quanto ao cenário macroeconômico, o fenômeno da desalavancagem tem dominado os mercados globais. O impacto dos problemas de crédito nos EUA em outras regiões do mundo tem exacerbado um movimento de volta para o dólar e saída de mercados emergentes, em quase todas as classes de ativos, reforçando a tendência do mercado de se deslocar na direção do cenário de recessão. Tal dinâmica complica de sobremaneira a percepção da realidade de fundo na economia mundial que, como argumentamos, tem boas chances de se mostrar positiva em alguns meses. É preciso paciência para que fundamentos mais positivos possam voltar a predominar.

No cenário base descrito acima, a perspectiva do Brasil permanece favorável. A redução da inflação por conta da queda de commodities e a desaceleração global reduzem sensivelmente o risco de um ciclo longo de aperto monetário. Mantemos nossa opinião de que o aperto monetário total será inferior a 4%, provavelmente ao redor de 3,5%. Isto levaria os juros ao patamar de 14,75% até o início de 2009. Este aperto nos parece suficiente para reduzir o ritmo de crescimento econômico para até 3,5% em 2009, com riscos para um resultado até menor, próximo a 3%. Tal dinâmica seria suficiente para assegurar a convergência da inflação de volta à meta até o início de 2010, ou mesmo em 2009 (dependendo dos preços de alimentos). Este seria um verdadeiro “pouso suave” da economia brasileira, o que abriria novas oportunidades para ativos de longo prazo.

Esse cenário, porém, está condicionado à resposta da economia doméstica à política monetária e à dinâmica global. Na parte local, nossas simulações sempre apontaram que o aperto monetário teria seus primeiros impactos sobre a atividade a partir do terceiro trimestre, e mantemos esta opinião. Reconhecemos, porém, como riscos a esse cenário, a atual força do mercado de trabalho e do ciclo de investimentos, que poderiam levar a uma alta maior dos juros, caso não se acumulem evidências mais concretas de desaceleração da atividade em breve. Quanto à dinâmica global, o cenário alternativo de recessão mundial certamente pressionaria ainda mais a dinâmica de commodities, contribuindo para menor entusiasmo em relação aos ativos brasileiros, inclusive o câmbio. Neste caso, poderia haver desvalorização um pouco maior do real (para 1,80/USD, por exemplo), que certamente seria vista como prejudicial para a política monetária. No entanto, a concomitante queda de commodities neste caso representaria um choque negativo nos termos de troca brasileiros, que atuaria no sentido de reduzir o crescimento, compensando ao longo do tempo os efeitos do real mais depreciado. Ou seja, não consideramos que uma eventual desvalorização moderada do real complicaria em demasia o trabalho do Banco Central, que continuaria mais dependente do ritmo de crescimento da economia.

## 2. Estratégia Macro

Adotamos nos fundos de estratégia Macro no mês de agosto uma política de investimentos com um horizonte de mais curto prazo. Os mercados de moeda e bolsa de um modo geral no Brasil e no exterior estão com um componente de aversão à risco bem intenso, explicado basicamente pela redução de risco nos portfólios dos gestores de recursos. Neste contexto mantivemos as posições de componente de risco mais baixo – juros nominal e títulos públicos indexados a inflação – e reduzimos a exposição à bolsa e moeda local.

O destaque no mês passado foi a reversão da alta do preço de commodities e o seu impacto no quadro de inflação doméstica e global. A queda do preço de alimentos tem ajudado muito o cenário de convergência de inflação nos países do G7 e mercados emergentes. Neste contexto, aproveitamos para alongar as posições doadoras no mercado de renda fixa. Para nós, a estabilidade dos preços de commodities em um menor patamar e a política restritiva de juros do Banco Central do Brasil, não justifica os elevados juros reais da parte longa da curva de juros. Mantivemos também as aplicações no papéis indexados a inflação. O juros reais embutidos ainda permanecem bastante elevados. As duas estratégias atingiram um retorno de 0,57%.

Vale destacar que a posição longa no BRL contra uma cesta de moeda – libra esterlina, euro e dólar canadense – teve um retorno de 0,07%. Conseguimos com esta cesta de moeda uma boa proteção frente a valorização do dólar contra as moedas de mercados emergentes e de G7. No mercado externo, ainda mantemos uma posição doadora na curva de juros da Inglaterra. O país vai enfrentar neste segundo semestre uma recessão bastante intensa e acreditamos que o Banco Central da Inglaterra vai abaixar o juros ainda este ano (atualmente em 5%). No mês passado esta estratégia agregou 0,06% do resultado.

A bolsa brasileira teve uma perda expressiva no mês passado de -6,43%. O componente de commodities e também de aversão a risco prejudicou o desempenho dos ativos de bolsa. Ainda mantemos uma posição defensiva nos investimentos de bolsa. Apesar de acreditarmos na estabilidade dos preços de commodities, o fluxo negativo na bolsa e por sua vez, um patamar elevado de volatilidade, ainda prejudica uma alocação de risco mais segura. No mês passado tivemos um retorno de -0,53% na Bolsa.

### 3. Estratégia Trade

Em agosto, o fundo obteve resultados nas figuras de opções de dólar/real com delta comprado. Nos juros, o resultado foi obtido nas posições de curto prazo no DI jan 12 e registrou perdas no DI jan 10.

Em renda variável, o fundo obteve resultados positivos nas posições long and short em bancos, siderurgia e petróleo, assim como nas posições de arbitragens por fechamento de capital. As perdas ocorreram na perda do prêmio de opções em Vale do Rio Doce e long and short no setor de construção civil.

O Quest Iporanga 15 FIM rendeu 1,02% em agosto (101% do CDI) e acumula 9,80% em 2008 (129% do CDI).

### 4. Estratégia Long Only

No mês de agosto, o índice Bovespa apresentou queda de 6,4%, porém acumula uma alta de 5,59% no período de 12 meses. Mais uma vez, o temor de desaceleração global e em relação à intensidade da desaceleração da China motivaram mais uma rodada de desalavancagem no mercado acionário. Em momentos como este, não há que se esperar muita lógica nos movimentos de mercado, mas identificamos abaixo algumas explicações de fundamentos. Não só ações relacionadas às commodities sofreram, mas de empresas de construção foram fortemente impactadas pelas condições macroeconômicas, pela necessidade de caixa para cumprir os lançamentos planejados num momento de aperto de liquidez doméstica e internacional, por resultados abaixo do esperado, caso Tenda e por questões de liquidez. Instituições financeiras também contribuíram para a queda do índice por possível realização

Dois pontos nos chamaram a atenção este mês sobre os quais vale discorrer brevemente, quais sejam: (i) o incremento do risco regulatório associado aos setores de petróleo, telecomunicações, concessões rodoviárias e energia; e (ii) dificuldades de balanço e de entregar resultados prometidos que afetaram algumas empresas que realizaram IPOs recentemente e cujos casos mais emblemáticos no mês foram o da Agrenco, que entrou com pedido de recuperação judicial em 28 de agosto após ter captado R\$666 milhões em outubro do ano passado, e o da Tenda, com queda de 64% no mês após um resultado abaixo do esperado, declarações de necessidade de caixa pela empresa e reduções drásticas de preço-alvo por algumas das principais empresas no país.

No âmbito do incremento do risco regulatório, nos surpreendeu negativamente algumas declarações de destacadas pessoas do governo a respeito da possibilidade de mudanças no marco regulatório do petróleo que poderia até implicar desrespeito a contratos já existentes entre a Petrobrás e o governo, algo bastante negativo. A despeito de não acreditarmos nesta possibilidade e atribuirmos probabilidade quase nula de “quebras contratuais” unilaterais por parte do governo, acreditamos que tais declarações só reforçaram um sentimento já presente no mercado de que as agências reguladoras têm atualmente no país pouca autonomia decisória sobre os rumos técnicos dos diversos marcos regulatório no país, fato que dificulta bastante a previsibilidade operacional das empresas sujeitas à regulação, e que também se manifestou em outros setores, como a discussão sobre índice de reajuste nas concessões rodoviárias estaduais, manifestações do governo sobre a operação entre Brasil Telecom e Oi e a possibilidade da supressão das licitações de Jiraú e

Os casos de Tenda e Agrenco só reforçaram a maior necessidade de se fazer análises de balanço e fluxo de caixa das empresas em razão de uma condição macroeconômica mais adversa (desaceleração econômica somada a elevação de juros), particularmente sobre aquelas que realizaram IPO recentemente com promessas de crescimento muito elevado. O caso da Agrenco, que se capitalizou em R\$666 milhões em outubro do ano passado por meio de uma oferta de ações, culminou com o pedido de recuperação judicial da empresa em 28 de agosto deste ano, fato até esperado após o escândalo da prisão dos principais executivos da companhia, mas bastante emblemático de como o mercado se deixou levar pelo discurso da empresa e por análises claramente superficiais fazendo com que a empresa atingisse um valor de mercado superior a R\$1.5bn. O caso de Tenda também foi bastante simbólico porque, novamente, era uma empresa tida como muito boa pelos analistas, mas, por conta de um resultado trimestral abaixo do esperado, se tornou um dos piores desempenhos do mês, 64% de queda, porque pôs fim à credibilidade da execução operacional diante do mercado e, pior, em dúvida a solidez financeira e de balanço da empresa, algo não visto pelo mercado anteriormente.

Vale a modesta menção de que não estávamos investidos em nenhuma das duas empresas, muito por não depositar a confiança do mercado nestes dois *cases*, nos fazendo perder o bom desempenho que tiveram anteriormente, mas que, hoje, só reforçaram a confiança em nossos processos de investimento internos.

O resultado do FIA no mês foi negativo em 7,2%, porém acumula uma alta de 10,63% no período de 12 meses.

Nossa posição no setor de siderurgia e mineração sofreu com a incerteza em relação aos dados de atividade mais fraos na China. Entendemos que esses números não seriam suficientes para levar o PIB de 2009 para baixo dos 9%, mas a aversão à risco foi maior e potencializou o movimento de queda. Acreditamos que o setor continuará bastante volátil, até que o mercado tenha um cenário mais claro o que nos fez reduzir a exposição e esperar para nova oportunidade de posicionamento.

Já às utilities, que sempre foram vistas como defensivas devido à proteção contra inflação e elevado pagamento de dividendos, sofreram com a elevação de juros, que reduziu as expectativas de inflação e o dividend yield quando comprado aos juros. Contribuiu também para a queda das ações a "gordura" acumulada no mês anterior. Apesar da correção no mês, mantemos nossa convicção de que ativos com gestão privada, focados em geração, com perfil de desconstrução de energia mais no curto prazo e atrativo fluxo de dividendos devem ter desempenho superior à média do setor.

Quanto ao setor de consumo, nossa visão era que algumas companhias estariam descorrelacionadas de uma desaceleração da economia mundial na magnitude que esperamos. No entanto, pelo setor ter apresentado um bom desempenho no mês anterior, acabou por sofrer devido a uma forte realização ainda justificada pela incerteza com relação a política monetária, apesar do arrefecimento dos últimos índices de inflação divulgados, adiciona-se a isso um mercado de crédito menos promissor.

Acreditamos que o cenário internacional deve continuar bastante volátil, resultado da pouca visibilidade quanto ao crescimento das principais economias do mundo, especialmente a chinesa, cuja desaceleração mais acentuada poderia resultar em novas quedas das principais commodities metálicas e dos produtos siderúrgicos, setores bastante representativos do índice brasileiro.

Desta forma, mantemos nossa visão cautelosa de Bolsa e focando a alocação de risco na atividade doméstica onde acreditamos ter maior visibilidade, em setores defensivos e com avaliação financeira descontada.

#### **4. Estratégia Long Short**

Os Fundos Quest Long Short (LS) e Quest Equity Hedge (EH) tiveram desempenho no mês de -0,19% e -0,51% e acumulam rentabilidade positiva de 2,08% e 3,60% respectivamente no ano. Os principais destaques positivos foram os setores de consumo, papel e celulose, petróleo e telefonia. Contribuições negativas para o desempenho do fundo vieram do setor de agronegócio, construção civil e principalmente siderurgia e mineração. Reduzimos significativamente nossa exposição bruta nos fundos em função da maior volatilidade do mercado.

Como dito ao longo da carta FIA, a baixa visibilidade do cenário macroeconômico mundial, especialmente quanto à capacidade de manutenção do elevado ritmo de crescimento econômico chinês, levou a substancial queda nos preços das ações do setor de siderurgia e mineração. As exportações líquidas de aço da China no mês foram elevadas, fato que deteriorou as expectativas do setor no tocante a preço. O setor de mineração acompanhou a queda da siderurgia, pelo temor que a queda de preços siderúrgicos resultasse incapacidade das siderúrgicas em absorver um novo aumento de preço de minério em 2009. Na mesma linha, o setor de agronegócio também apresentou substancial queda (-14%, em média), em função da queda do preço do açúcar.

Além das commodities, o setor de construção também contribuiu negativamente no desempenho dos fundos. As expectativas de mercado em relação às construtoras foram deterioradas substancialmente, com o mercado questionando se as empresas teriam capacidade de cumprir os lançamentos direcionados. Algumas destas empresas contavam com o mercado financeiro para financiar seus lançamentos, e o mercado temia que estas não conseguissem tomar os recursos a taxas adequadas. Este temor foi intensificado após o resultado de Tenda, que trouxe à tona uma dificuldade na evolução dos financiamentos à construção previstos pela empresa e que, por fim, levou a um reconhecimento de receita mais lento.

Do lado positivo, nossas posições no setor de telecomunicações priorizaram as companhias ligadas ao segmento de banda larga. Continuamos bastante confiantes com relação ao potencial de crescimento deste no Brasil, suficiente para compensar impactos negativos decorrentes dos riscos regulatórios (como os casos da eliminação da cobrança do ponto adicional e potencial redução das tarifas de interconexão).. Outra posição com contribuição positiva foi BRTP3, por ser praticamente uma renda fixa (tag along de R\$56.59 + CDI desde 25.04.2008) cujo balanço de riscos é bastante favorável, dado que, na pior hipótese da venda da Brasil Telecom para a Oi não se materializar, bastante improvável, deve voltar à tona o cenário de reestruturação da Brasil Telecom em que a possibilidade de perda do investimento é bastante limitada nos níveis de preço atuais.

Finalmente, mesmo com o cenário negativo de commodities, os setores de petróleo e papel e celulose foram os que mais contribuíram positivamente. Apesar dos ruídos em relação ao novo marco regulatório, as ações da Petrobras tiveram desempenho superior ao índice devido ao desconto da ação (em preços inferiores às descobertas no pré-sal) e porque o mercado parece ter visto um suporte nos preços do petróleo. Embora não acreditemos em uma nova escalada no preço para os níveis ao redor dos \$140/barril, a falta de capacidade ociosa e o equilíbrio entre oferta e demanda devem contribuir para a manutenção do preço do petróleo num patamar entre \$100-120/barril. Além disso, estamos em plena temporada de furacões no hemisfério norte, que deve contribuir para que o petróleo se mantenha em níveis elevados.. Já no setor de papel e celulose, o ganho veio de uma posição vendida contra o índice.

## 5. Atribuição de Performance – Agosto de 2008

Quest 1 FIM	
Bolsa	-0,21%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	-0,11%
Outras moedas	0,16%
Outros ativos ex-Brasil	0,05%
Inflação Brasil	-0,04%
Juros Brasil	0,05%
Caixa	0,81%
Despesas	-0,05%
Custos	-0,13%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>0,52%</b>

Quest 30 FIM	
Bolsa	-0,53%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	-0,27%
Outras moedas	0,34%
Outros ativos ex-Brasil	0,07%
Inflação Brasil	0,09%
Juros Brasil	0,42%
Caixa	0,55%
Despesas	-0,04%
Custos	-0,17%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>0,48%</b>

Quest Macro 30 FIM	
Bolsa	-0,42%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	-0,26%
Outras moedas	0,33%
Outros ativos ex-Brasil	0,05%
Inflação Brasil	0,14%
Juros Brasil	0,42%
Caixa	0,58%
Despesas	-0,02%
Custos	-0,17%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>0,65%</b>

Quest Ações FIA	
Agronegócio	-0,56%
Bens de Capital	-0,04%
Construção Civil	-0,87%
Consumo	-1,31%
Elétricas e Saneamento	-1,44%
Inst. Financeiras e Seguros	-1,02%
Logística e Transportes	-0,61%
Mineração e Siderurgia	-1,19%
Papel e Celulose	-0,01%
Petróleo, Gás e Petroquímica	-0,05%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	-0,48%
Caixa	0,53%
Despesas / Custos / Juros	-0,18%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>-7,22%</b>

Quest Long Short 30 FIM	
Agronegócio	-0,16%
Bens de Capital	-0,02%
Construção Civil	-0,10%
Consumo	0,15%
Elétricas e Saneamento	-0,17%
Inst., Financeiras e Seguros	0,09%
Logística e Transportes	0,04%
Mineração e Siderurgia	-1,00%
Papel e Celulose	0,13%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,16%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	0,17%
Caixa	0,71%
Despesas / Custos / Juros	-0,20%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>-0,20%</b>

Quest Equity Hedge 60 FIM	
Agronegócio	-0,23%
Bens de Capital	-0,04%
Construção Civil	-0,22%
Consumo	-0,04%
Elétricas e Saneamento	-0,36%
Inst., Financeiras e Seguros	0,02%
Logística e Transportes	0,03%
Mineração e Siderurgia	-0,85%
Papel e Celulose	0,17%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,36%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	0,06%
Caixa	0,00%
Despesas / Custos / Juros	0,73%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>-0,16%</b>

Quest Iporanga 15 FIM	
Bolsa	0,03%
Dólar	0,12%
Outras Moedas	0,00%
Inflação Brasil	0,00%
Juros Brasil	0,31%
Caixa	0,75%
Despesas	-0,08%
Custos	-0,11%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>1,02%</b>

Itens que compõem Despesas: corretagem, taxas (exceto taxas referidas em custo), cartório, impressos e demais despesas; e Custos: taxas administração, performance e custódia.

## Histórico de Performance:

QUEST 1 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2004	1,79%	2,13%	1,15%	1,23%	1,77%	0,86%	1,06%	1,38%	1,45%	0,96%	1,53%	1,75%	18,45%	114,05%
2005	1,34%	1,82%	1,01%	1,18%	1,76%	1,15%	1,23%	1,35%	1,69%	1,14%	1,78%	1,88%	18,78%	98,87%
2006	3,55%	3,06%	0,50%	2,54%	-1,09%	1,75%	1,53%	2,10%	1,00%	1,76%	1,55%	1,97%	22,11%	146,97%
2007	0,98%	0,88%	1,37%	2,76%	2,54%	0,43%	1,01%	-0,50%	1,41%	2,15%	-0,06%	-0,15%	13,54%	114,48%
2008	-0,25%	0,35%	-2,52%	1,56%	1,26%	-0,73%	-0,19%	0,52%					-0,06%	n.a.

Início do fundo: 02/07/2001

QUEST 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2004										0,71%	2,90%	2,50%	6,22%	191,44%
2005	1,34%	2,83%	0,62%	0,87%	2,19%	0,48%	0,88%	1,08%	2,14%	0,84%	2,83%	2,55%	20,27%	106,71%
2006	5,78%	4,49%	-0,27%	3,94%	-3,04%	2,37%	2,01%	3,01%	1,09%	2,47%	2,05%	2,89%	29,97%	199,22%
2007	1,06%	1,02%	1,76%	4,53%	4,09%	-0,10%	1,20%	-2,14%	2,23%	3,57%	-0,80%	-0,69%	16,65%	140,85%
2008	-1,27%	0,20%	-5,32%	1,61%	1,57%	-2,18%	-0,48%	0,48%					-5,46%	n.a.

Início do fundo: 19/10/2004

QUEST MACRO 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007										2,35%	-0,46%	-0,78%	1,10%	41,78%
2008	-0,35%	-0,58%	-3,33%	1,43%	1,46%	-1,38%	0,25%	0,65%					-1,92%	n.a.

Início do fundo: 16/10/2007

QUEST AÇÕES FIA														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	Ibov.*
2005						0,98%	1,32%	7,34%	9,82%	-1,19%	10,15%	6,85%	40,25%	28,99%
2006	9,34%	7,80%	-1,17%	19,53%	-6,44%	-1,43%	1,58%	2,44%	1,89%	8,25%	6,41%	9,84%	72,26%	33,73%
2007	2,22%	3,53%	4,45%	8,09%	7,92%	3,62%	4,80%	0,21%	9,20%	9,80%	-1,84%	3,10%	70,25%	43,68%
2008	-9,75%	8,24%	-8,97%	8,64%	10,37%	-4,70%	-6,73%	-7,22%					-12,08%	-12,84%

Início do fundo: 01/06/2005 \* Ibovespa Médio até 2007 / Ibovespa Fechamento em 2008

QUEST LONG SHORT 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007	2,08%	4,86%	1,24%	2,19%	2,65%	1,63%	3,73%	1,00%	0,72%	2,75%	0,58%	2,18%	28,74%	243,08%
2008	-0,70%	1,09%	-1,93%	1,16%	1,66%	1,11%	-0,08%	-0,20%					2,08%	27,47%

Início do fundo: 28/12/2006

QUEST EQUITY HEDGE 60 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007												2,87%	2,87%	342,31%
2008	0,77%	1,56%	-2,61%	1,44%	1,97%	1,36%	-0,36%	-0,52%					3,60%	47,42%

Início do fundo: 30/11/2007

QUEST IPORANGA 15 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007											0,31%	0,99%	1,30%	114,61%
2008	0,35%	1,22%	1,19%	1,86%	1,14%	0,67%	1,95%	1,02%					9,80%	129,28%

Início do fundo: 21/11/2007

Para mais informações entrar em contato com:

Fone: +55 11 3526-2250 email: [comercial@questinvest.com.br](mailto:comercial@questinvest.com.br)

As informações contidas neste material são de caráter meramente e exclusivamente informativo, não se tratando de qualquer recomendação de compra ou venda de qualquer ativo negociado nos mercados financeiro e de capitais. A QUEST não se responsabiliza pelas decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste material. A Quest Investimentos Ltda. não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimentos ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. As rentabilidades divulgadas não são líquidas de impostos. Todos os fundos de investimento geridos pela Quest Investimentos Ltda. utilizam estratégias com derivativos como parte integrante de suas política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Nenhum fundo conta com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. Para avaliação da performance do fundo de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Riscos gerais: em função das aplicações do fundo, eventuais alterações nas taxas de juros, câmbio ou bolsa de valores podem ocasionar valorizações ou desvalorizações de suas cotas. Para obtenção do Regulamento, Histórico de Performance, Prospecto, além de eventuais informações adicionais, favor entrar em contato com a administradora dos fundos da Quest Investimentos Ltda.